

ANÁLISE MARXISTA DA EDUCAÇÃO

Manacorda, Ponce e Suchodolski¹

Oswaldo Alonso Rays²

Esta resenha comparativo-crítica tem como objetivo estabelecer os possíveis pontos convergentes e divergentes entre as posições político-pedagógicas assumidas por Manacorda, Ponce e Suchodolski sobre o processo de desenvolvimento histórico da educação. Trata-se, portanto, de uma resenha que não tem os mesmos objetivos de uma “resenha comum” e que, por essa razão, não apresenta a síntese dos conteúdos em questão, assim como não segue a periodização utilizada pelos autores nas re-

feridas obras. O texto objetiva, pois, destacar como a análise do desenvolvimento histórico da educação é complexa, quando esta é feita não apenas do ponto de vista da educação, mas através da totalidade das contundências das questões políticas, sociais, econômicas e pedagógicas.

Estabeleci como critério para o início das leituras começar pela publicação mais recente, por acreditar que a visão de conjunto da história da educação, e do historiador que a registra, estando mais próxi-

¹ Resenha comparativo-crítica dos livros: MANACORDA, Mário A. *História da educação: da Antiguidade aos nossos dias*. Tradução de Gaetano Lo Monaco; revisão da tradução Rosa dos Anjos Oliveira e Paolo Nosella. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989, 382p. PONCE, Aníbal. *Educação e luta de classes*. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981. SUCHODOLSKI, Bogdan. *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*. Tradução de Lílíana Rompert Soeira. 3. ed. Lisboa: Livros Horizontes, 1984, 124 p.

² Professor no Centro Universitário Franciscano de Santa Maria e na Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo. Doutor em Educação.

ma de sua construção atual, poderia me oferecer elementos mais precisos para a leitura dos outros dois autores em questão. Assim, iniciei a leitura por Manacorda, cuja obra *História da educação* foi publicada no Brasil em 1989, passando, posteriormente, à leitura de Suchodolski (a primeira edição francesa de *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas* é de 1960, e a primeira edição portuguesa é de 1972; para este estudo, fiz a leitura da terceira edição portuguesa, publicada em 1984) e, finalmente, do livro de Ponce, escrito em 1937, cuja primeira edição brasileira é datada de 1963, e a segunda edição, da qual fiz a leitura, só publicada 18 anos após, ou seja, em 1981. Esse interstício entre a primeira e a segunda edição da obra de Ponce foi, provavelmente, assegurado pelo regime político brasileiro que se seguiu ao ano de sua primeira edição brasileira.

Entretanto, o conhecimento da obra publicada mais recentemente, isto é, a de Manacorda, embora relevante para o aprofundamento e conhecimento de estudos sobre a educação e sua história, não me proporcionou os elementos que eu procurava - o fio condutor - para a análise dos outros dois livros. Com isso, acabei optando por rever proposições que me forneceria critérios interpretativos mais precisos e completos para a análise dos autores em estudo³.

Feitos esses esclarecimentos, passo, pois, à resenha propriamente dita.

Vou iniciar pelos critérios interpretativos que, a meu ver, foram empregados pelos autores para a elaboração dos textos, para, a seguir, fazer um comentário geral sobre os mesmos.

Manacorda, no primeiro capítulo de sua obra, observa que seu critério interpretativo repousa na distinção - em relação à formação educativa do homem - entre *instrução* (para poucos) e *trabalho* (para muitos), ou seja, nos tipos de formação *intelectual* e *profissional*. Observa, ainda, no final desse capítulo, que: "... numa sociedade dividida em classes, todas as classes têm seus costumes particulares, mas contemporaneamente, ressentem-se do incontrastável processo de aculturação por parte dos dominantes: a classe dominante é sempre um demiurgo que configura a sociedade toda à sua imagem e semelhança" (p.40). Essa constatação deixa claros seu parâmetro e seu ponto de partida em relação ao critério interpretativo utilizado.

Ao iniciar, entretanto, a análise sobre a educação homérica, afirma que se propôs a utilizar "quase" como critério interpretativo de toda a história da educação, a distinção entre o *dizer* (*épea*= palavra) e o *fazer* (*érga*=ação), o que já se pode constatar, de modo geral, no primeiro capítulo: a separação entre *instrução* e *trabalho*. Cumpre notar que o autor, ao utilizar o advérbio *quase*, deixa explícita sua posição de repulsa aos métodos reducionistas para a interpretação dos fatos e fenômenos históricos.

Essa posição lhe dá liberdade de análise para um estudo não-apriorístico das bases teórico-práticas do desenvolvimento educativo de diferentes sociedades em diferentes épocas. Todavia, as relações processuais entre *sociedade civil* e *educação* (que não mais comporta o advérbio *quase*) é a "espinha dorsal" mais ampla que orienta sua análise sobre a história da educação.

Assim, ao tratar da “sociedade e educação no antigo Egito”, constata-se, também, o critério utilizado por Manacorda para a periodização da história da educação. Apesar da justificativa apresentada na p.5 para o início do “... rápido passeio histórico pela educação” a partir do Egito⁴, o critério empregado para a periodização é o cronológico-qualitativo. Com cronológico-qualitativo, quero dizer que o autor se esforça por buscar os fatos e fenômenos mais essenciais em cada período histórico, tendo como ponto de partida e de ancoragem o critério interpretativo antes anunciado.

Ao fazer uso de rica documentação, o que demonstra sua erudição no campo da história da educação, o autor vai além das citações que utiliza, promovendo inferências significativas ao provocar análises relacionais entre o “texto e o contexto”; entre o conteúdo da citação utilizada - geralmente referente ao processo educativo da época - e as transformações históricas em desenvolvimento na sociedade situada, isto é, na sociedade que naquele momento está sendo objeto de análise. Todavia, em alguns momentos de seu estudo, deparamo-nos com posições explicativas que nos levam a um “ponto de interrogação” sobre o fato ou fenômeno em análise, o que nos desafia a superar os elementos contidos na narração e na análise em desenvolvimento. Porém, Manacorda, a meu ver, oferece-nos um tratamento bastante suave e didático sobre um tema complexo que é a história da educação - principalmente quando não é etapista - fazendo “...falar os textos” (p.362), apesar de o próprio autor reconhecer, na conclusão de sua obra (p.356), a “disparidade de suas competências” - sobre tantos autores e aspectos, e a muta-

bilidade de seus humores -, a “... não falar de pedagogia com ares pedagógicos” (p.356)⁵.

Estamos, assim, diante de um autor marxista, que faz uma análise marxista da educação, buscando conexões críticas entre o histórico-social e o político-pedagógico.

Manacorda realiza, sem nenhuma timidez, uma complexa *história social e pedagógica da escola* no âmbito da sociedade civil, perpassando a sala de aula, onde trata de questões referentes à metodologia didática, ao conteúdo do ensino, às relações pedagógicas e à disciplina escolar. Mesmo quando aborda questões específicas, como as de disciplina escolar e de relações pedagógicas no ambiente escolar, tem a competência de registrar as intenções políticas nelas subjacentes.

Manacorda é um educador crítico e deixa transparecer sua crença na educação escolarizada mesmo quando analisa as questões do ensino sob o ponto de vista das classes dominantes. Do início ao fim do livro em questão, preocupa-se com a necessidade de superação da escola burguesa e suas concepções liberais. Infere-se, portanto, de suas análises, que Manacorda, apesar das críticas contundentes sobre as diferentes etapas por que passou o processo de escolarização, deseja para a educação escolarizada um papel que entrelace constantemente a totalidade das dimensões que caracterizam uma educação histórico-crítica, objetivando, dessa forma, uma educação que promova um tipo de formação promotora da emancipação crítica dos seres humanos.

Esse ideário político-pedagógico de Manacorda pode ser identificado a partir do

momento em que deixa claro o critério interpretativo que utiliza para a análise que faz da história da educação, bem como na conclusão de seu estudo, quando enuncia o imperativo categórico da educação do ser humano: "...apesar de o homem lhe parecer, por natureza e de fato, unilateral, eduque-o com todo empenho em qualquer parte do mundo para que se torne onilateral" (p.361).

Essa formação onilateral do homem (completa, integral, sob diferentes perspectivas), sustentada por Manacorda em várias passagens de seu livro, somente pode acontecer, de forma concreta, por meio da educação sistematizada, desde que essa seja desenvolvida a partir de um enfoque histórico-crítico, ou seja, dialético e criticamente contextualizado.

Nosso segundo autor é Bogdan Suchodolski, educador polonês e também marxista.

Logo no início de seu livro, Suchodolski esclarece o modo como pretende analisar o conflito fundamental, ainda hoje existente, no pensamento pedagógico. Ressalta que, do delineamento de quadros muito diversos de classificação do pensamento moderno, chegou-se a variados aspectos das diferentes posições pedagógicas, o que, de certo modo, torna-se relevante para a análise do pensamento pedagógico, uma vez que revelaram elementos de contato que levam à constatação de que "...as posições pedagógicas defendidas nunca foram homogêneas"; ou, mais ainda, de que "...a realidade aparentemente homogênea, é de fato variada" (p.15).

Suchodolski justifica a adoção de seu procedimento de análise optando não pela "...variedade dos aspectos possíveis do pen-

samento pedagógico moderno...", mas pela "... compreensão da sua problemática essencial..." (p.16). Dessa forma, o autor explicita a delimitação da análise que faz sobre o processo de desenvolvimento do pensamento pedagógico moderno, cuja raiz está na controvertida polêmica, já considerada clássica - que perdura na história - entre a *filosofia da essência* e a *filosofia da existência*. Assim, Suchodolski irá se interessar pela análise dessa problemática e suas decorrências para a formação do homem, chegando a duas correntes pedagógicas que denomina de *pedagogia da essência* (pedagogia tradicional) e de *pedagogia da existência* (pedagogia nova), deixando em segundo plano, subjacente, "... a análise dos aspectos que condicionam" (p.16).

Essas duas grandes concepções pedagógicas, com idéias político-pedagógicas divergentes, levam, evidentemente, à formação de homens completamente diferentes, isto é, com visões de mundo, de ensino, de educação, etc., que não se conectam entre si. Além de analisar o conflito entre essas duas concepções e suas variantes, o autor - em vários capítulos do livro - procura demonstrar a necessidade que a educação tem de superar as contradições tanto da *pedagogia da essência* como da *pedagogia da existência*.

Ao analisar essa questão, o autor não fica restrito apenas à crítica filosófico-pedagógica a essas correntes, mas assume uma posição política, deixando claro que, no domínio da educação, "...a tarefa mais importante consiste em transpor os grandes ideais universais e sociais para a vida quotidiana e concreta do homem" (p.122). Para tanto, propõe uma "educação voltada para o futuro", em que fica clara a sua

preocupação de buscar uma síntese relacional entre as exigências individuais e as da sociedade (comunista).

Suchodolski faz a historicização da pedagogia da essência e da pedagogia da existência, do ponto de vista da filosofia e da filosofia da educação, não se preocupando em discutir as decorrências metodológicas e didáticas no âmbito da educação escolarizada. A pedagogia é tomada pelo autor no sentido de filosofia da educação, daí a reflexão sistematizada e metódica que faz das variantes de ambas as pedagogias. Com essa reflexão sistemática e metódica das pedagogias da essência e das pedagogias da existência, o autor realiza uma síntese concreta - tal sua capacidade de condensação - da história do pensamento filosófico-pedagógico, contada em pequenos capítulos e de qualidade sem precedente. Suchodolski tem a competência de transformar os capítulos do livro em verdadeiros "episódios pedagógicos, onde o 'episódio de hoje' tem continuidade lógico-crítica no 'episódio de amanhã'". É, em verdade, um "seriado pedagógico", no bom sentido da expressão, da história do pensamento filosófico-pedagógico da educação.

Se Manacorda realiza, como destaquei linhas atrás, um estudo em que focaliza a história social e pedagógica no âmbito da sociedade civil, preocupando-se ao mesmo tempo, ainda que de forma não intensa, com questões referentes à metodologia didática, o mesmo não acontece com Suchodolski, cujo eixo de sua análise está precisamente na crítica filosófica - cuja crítica política está subjacente - às variantes pedagógicas das duas grandes concepções filosófico-pedagógicas que toma como objeto de estudo. No entanto, também

Suchodolski, com a delimitação que estabeleceu para sua pesquisa, vai se preocupar com a superação das proposições liberais e burguesas para a educação, quando se propõe a ir além da conciliação da pedagogia da essência e da pedagogia da existência.

Estamos, pois, diante de outro educador que acredita na força da educação escolarizada para a plena formação e realização do homem e que, a exemplo de Manacorda, vê na instrução politécnica elementos teórico-práticos para uma formação adequada às novas condições de vida social e econômica. Para tanto, Suchodolski põe ao lado da formação politécnica a necessidade da formação social, em razão de que "...na sociedade do futuro cada profissão será revestida de caráter social e cada cidadão tornar-se-á membro responsável da democracia" (p.121).

A exemplo de Manacorda, Suchodolski também se preocupa em projetar para a educação um ideário político-pedagógico que seja materializado por meio de um tratamento histórico-crítico.

Nosso próximo autor, Anibal Ponce, escreveu sua história da educação na década de 1930, mais precisamente em 1937. Trata-se, pois, de estudo elaborado em momento histórico que difere daquele em que se deram as elaborações de Manacorda (final da década de 1970) e de Suchodolski (década de 1960). No entanto, geograficamente, Ponce estava bem próximo de nossa sociedade e de nossa educação, por se tratar de um autor argentino que reflete sobre a educação numa época em que a América Latina passa por sérias transformações políticas e sociais, em que o populismo e o nacionalismo dos governan-

tes (alguns ditadores) comandam a ordem social e política e se encarregam de determinar a política educacional a ser seguida, visando aos interesses da minoria da população.

A exemplo de Manacorda e de Suchodolski, estamos, também, diante das idéias de um marxista que promove uma síntese dos problemas histórico-educacionais, fornecendo, sem muitos detalhes, uma visão geral da história da educação.

A história da educação de Ponce pode ser considerada como uma "história política da educação", na qual a categoria "sociedade política" perpassa todo o seu estudo. É uma história da educação diretamente relacionada à problemática político-ideológica da educação das diversas sociedades e das diferentes épocas.

Ponce tem como critério interpretativo para escrever sua história da educação a realidade socioeconômica e política e as conseqüentes lutas de classes que se desenvolveram a partir da sociedade primitiva até a primeira metade do nosso século. Como todo marxista ortodoxo, é um crítico radical, com posições claramente definidas, da exploração do trabalho e da educação do homem pelo poderio público e econômico sob o controle das classes dominantes. Em síntese, o autor realiza um estudo sobre a história da educação sob o ponto de vista da luta de classes.

Assim como Suchodolski, Ponce não apresenta espaço específico para a introdução e para a conclusão de seu livro, o que não impede o leitor de identificar as finalidades e a tese defendida ao longo da obra⁶.

A historiografia realizada por Ponce é diferente daquela escrita por Manacorda e por Suchodolski, uma vez que centra sua

atenção especificamente nas lutas de classes e nos modos de produção das sociedades classistas. O pensamento socialista de Marx (e notadamente o *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels) é sua fonte de inspiração na crítica que faz aos sistemas educacionais dos períodos históricos analisados.

Ponce deixa claro em seu texto que a educação, em toda a sua história, sempre esteve a serviço das classes dominantes, assim como fica clara sua descrença na educação como meio para transformar a sociedade. Essa posição é explicitada em seu estudo na seguinte passagem: "A classe que domina materialmente é também a que domina com a sua moral, sua educação e as suas idéias. Nenhuma reforma pedagógica fundamental pode impor-se antes do triunfo da classe revolucionária que a reclama, e se essa afirmação parece ter sido desmentida alguma vez pelos fatos é porque, freqüentemente, a palavra dos teóricos oculta, conscientemente ou não, as exigências da classe que representam" (p.165).

Essa tese desenvolvida por Ponce ao longo de sua análise crítica sobre a história da educação o faz entender a escola, assim como Althusser o fará posteriormente, como um aparelho ideológico do Estado, o que o leva a depositar pouca confiança na educação escolar: "Enquanto a sociedade dividida em classes não desaparecer, a escola continuará sendo uma simples engrenagem dentro do sistema geral de exploração, e o corpo de mestres e de professores continuará sendo um regimento que, como os outros, defende os interesses do Estado" (p.178).

Essa assertiva nos leva a inferir da análise de Ponce que, numa sociedade ca-

pitalista (como a nossa, por exemplo), a escola não tem outra função a não ser a de reproduzir a ideologia da classe dominante. A saída para as escolas dos sistemas capitalistas somente ocorrerá a partir do momento em que inexistirá a diferença entre explorador e explorados. Insiste, pois, o autor em que somente por meio de uma revolução concreta e não de simples reformas poder-se-á superar a educação classista. Essa particularidade do pensamento político de Ponce sobre a educação e o contexto ideológico veiculado pela escola (parece que, para o autor, não há saída para as escolas dos países capitalistas) o fazem escrever uma história da educação diferente daquela realizada por Manacorda e da análise que Suchodolski faz do pensamento pedagógico.

Como a instituição escolar não se constitui, para Ponce, num instrumento de resistência do proletariado na luta contra a educação e a cultura burguesas, impostas pelo poder dominante, não me resta outra alternativa a não ser a de entender o pensamento de Ponce como próximo das análises que os educadores crítico-reprodutivistas fazem da educação escolarizada.

Estamos, pois, diante de três educadores marxistas que, apesar de em alguns momentos se contraporem e se complementarem, oferecem-nos os elementos necessários para o entendimento crítico do atual sistema educacional. No fundo, vamos encontrar, subjacente às suas análises e teses, preocupações semelhantes no que se refere aos aspectos históricos, econômicos, políticos, filosóficos e pedagógicos da educação, em razão de terem como ponto de chegada a minimização das injustiças

sociais provocadas pelas sociedades capitalistas.

Nesse sentido, Manacorda e Suchodolski são mais prudentes que Ponce no que se refere às possibilidades de “socialismo puro”. Suchodolski, por exemplo, chega a falar que, na “sociedade do futuro, cada cidadão tornar-se-á membro responsável da democracia”. Eu diria, *grosso modo*, que Manacorda e Suchodolski estão mais preocupados, nos textos resenhados, com a formação do homem emancipado e com a cidadania crítica desse, do que com fazer a revolução social e política. Aníbal Ponce, por sua vez, reduz sua preocupação à necessidade da revolução proletária. Daí a preocupação de Ponce, ao “contar” sua história da educação, em não se descuidar, nos diferentes períodos históricos que analisa, das relações entre educação e modos de produção, entre o pensamento pedagógico (de políticos, filósofos, psicólogos e educadores) e as transformações sociais provocadas pelas grandes rupturas revolucionárias.

Com esses comentários, não estou querendo afirmar que Manacorda e Suchodolski não estejam preocupados com a educação e a luta de classes e que Ponce se descuida do pensamento filosófico-pedagógico das classes dominantes e com as questões internas do processo de escolarização. Estou querendo afirmar, sim, que as posições dos autores sobre o mundo social e o mundo educacional - que não se constituem em “mundos estranhos” para ambos -, apesar de suas posições marxistas diante do fato educacional, os levam a delimitações diferentes sobre o tema em questão. Essas delimitações e, em certo sentido, o horizonte que projetam para a escola, le-

vam-nos a conclusões que se complementam para um entendimento correto sobre a história da educação.

Por essas razões, as análises que esses autores fazem do pensamento político-pedagógico que engendraram a história da educação merecem atenção especial por parte dos educadores e por todos aqueles que se interessam pela educação.

NOTAS

- ³ Refiro-me aos livros de Dermeval Saviani, principalmente, *Educação: do senso comum à consciência filosófica*, notadamente a segunda edição, pp.5-15; *Escola e democracia* e *Pedagogia histórico-crítica*: primeiras aproximações. As teses defendidas nesses livros, mesmo conhecedor das críticas que as mesmas têm recebido nos últimos anos, me permitiram, também, promover uma "tentativa" de classificação dos autores, no que se refere às suas posições político-pedagógicas em relação à educação e suas conexões com a sociedade.
- ⁴ O Egito é reconhecido unanimemente, diz Manacorda, como "... o berço da civilização e da cultura" (p.10).
- ⁵ Nesse ponto, não concordo com a auto-avaliação do autor. Concordaria se ele assim se expressasse: não falar de pedagogia com ares *openas* pedagógicos. Mas isso é secundário diante da fascinante história da educação contada por Manacorda.
- ⁶ A tradução, o prefácio e algumas notas de rodapé efetuadas por José Severo Camargo Pereira preenchem algumas lacunas explicativas que constam da concisa história da educação sistematizada por Ponce.